

## SURDEZ, LÍNGUA DE SINAIS E INCLUSÃO

Autor: Aldbarã Lima Silva, Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação Campus I – Salvador/BA  
aldbara.limas@gmail.com Lattes.: <http://lattes.cnpq.br/5173832287442842>

Educação, diversidade e formação humana: gênero, sexualidade, étnico-racial, justiça social, inclusão, direitos humanos e formação integral do homem.

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação Campus I – Salvador  
aldbara.limas@gmail.com*

### RESUMO.

Analisar as instituições de um modo geral se as mesmas estão preparadas ou não para conviver com alunos/as surdos/as, pois na educação se fala tanto em inclusão, mas muitas instituições só conhece essa inclusão por nome e não por prática, em Monitorias e Cursos assim como na convivência com alguns surdos e com quem trabalha com eles, e ao mesmo tempo na convivência com pessoas ouvinte foi fácil perceber o quão é diferente a comunicação de quem ouve e de quem não ouve os profissionais de modo geral e principalmente os da Rede Pública não estão preparados em sua maioria para lidar com os alunos surdos ou outra deficiência qualquer, as escolas então prática a integração dos mesmos e esquece a inclusão, acolhendo estes alunos nas instituições, mas internamente no dia-a-dia da mesma, os estudantes surdos se sentem excluídos, pois não há um diálogo entre professor, funcionário, assim como aluno surdo para aluno ouvinte. Também relato neste artigo a contribuição para a segregação que é fortalecida por parte dos profissionais que neles trabalham sendo estes profissionais ouvintes. Então este artigo relata as dificuldades dos mesmos e a busca por uma instituição verdadeiramente inclusiva, e a contribuição para a segregação fortalecida pelos profissionais que atuam nesta área.

**Palavra-chave:** Cultura Surda, Educação, Inclusão.

### INTRODUÇÃO.

Neste artigo será abordado sobre uma temática que parece ser fácil porém muito complexa, serão falado tanto do ensino da Libras a Língua Brasileira de Sinais, também da falta de preparo de muitos profissionais de diversas áreas, mas, focando mais, nos profissionais da educação já que o sujeito depois da família se constitui na sociedade por estas instituições e profissionais que nela trabalham, e também, a contribuição que fortalece essa separação vinda dos próprios profissionais ouvintes que trabalham com os surdos.

Mas crítico que a deficiência não está só nos surdos ou nas escolas de ouvintes está no Brasil de um modo geral, e no estado que ainda trata este assunto com desdém, focando mais em outras áreas da educação, o que faz ter poucos profissionais surdos habilitados para atuarem em outras

modalidades como Engenharia, Fisioterapia, Medica entre outras formações mais complexas. Também crítico os devidos profissionais que nelas atuam, profissionais estes na maioria ouvintes, por fortalecer a restrição desta temática, pois a maioria destes acabam fortalecendo e enraizando a segregação da comunidade e da cultura surda os separando da sociedade dos ouvintes e os que deveriam fazer a ponte, simplesmente os separam cada vez mais formando dois povos em uma única sociedade.

Ressaltando também que a ensino da Libras é uma temática nova no país e não há no momento muito o que ser cobrado, porém entende-se que a comunidade surda ainda é uma comunidade muito restrita e fechada, o que as vezes se torna complicado de tanto fazer a inclusão dos surdos no “mundo” dos ouvintes e dos ouvintes no “mundo” dos surdos. Por isso é um assunto delicado e que não está totalmente finalizado, ainda tem que muito ser estudado, pensado e analisado para chegar há uma conclusão final.

## **METODOLOGIA.**

O Artigo procurou entender as dificuldades que muitos surdos encontram ao adentrar nas intuições de ensino, sejam elas do ensino público ou privado, médio ou de ensino superior, as dificuldades estão não só na infraestrutura das mesmas, mas também nos profissionais e seus materiais didáticos, não só alunos com deficiências auditivas mais qualquer outro tipo de deficiência e assim como o corpo de funcionários que compõe a mesma, e por diversas vezes culpamos o sistema de ensino principalmente o de rede pública por não prepararem os profissionais para esta situação, mas a questão ainda se torna muita delicada quando se trata em discutimos este tema, pois a deficiência não está só nessas redes, mais no país como um todo.

Existem muitos recursos que se podem utilizados para ter o conhecimento da Libras para interagir e facilitar a comunicação, vídeo aula na internet, canais no *Youtube*, aplicativos para aparelhos *android* entre outros, tudo isto existe como mediador deste conhecimento, só que a palavra muitos neste momento não satisfaz todo contexto, pois este muitos de uma forma se torna algo limitado, exemplo disso foi no I Congresso Internacional e IV Seminário Bilíngue para Surdos que aconteceu na Universidade do Estado da Bahia – UNEB em 2016 com alguns interpretes formado ou habilitados na área de Libras, mas que se negaram a interpretar uma música que foi cantada durante a cultural do evento, alegando quê, não foram preparados com um papel contendo as letras das músicas antes da cantora se posicionar no palco, para poderem elaborar os sinais e interpretar o que outrora foi cantado, com isso percebe-se ainda, os limites que há na língua de sinais.

Mas analisando essa questão procurando entender a posição dos interpretes fica claro que língua portuguesa brasileira é muito vasta e cheia de palavras com o mesmo significado, palavra de difícil pronuncia e que muitas delas não têm sinais quando traduzias para a Libras, os interpretes ou terão que digitar essas palavras com os dedos e a mão, usando a datilologia fazendo a representação de letra por letra ou terão que rapidamente pensar no sinônimo da mesma para elaborar o sinal, mas tudo isso tem que ser muito rápido para que não se pecam no momento da tradução, uma verdadeira habilidade de audição, expressão, raciocínio e atenção. Por isso que muitos preferem estudar as letras de qualquer apresentação musical para interpretar antes de se posicionar no palco.

"As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através das visões e da utilização do espaço" ( BRITO, 1998, p. 64).

Outro exemplo disso fica claro em aulas de Física, Química, Farmácia, Fisioterapia, Medicina ou uma aula, por exemplo, de Energia Eólica, é preciso estudar a aula do professor antes de ir à frente interpretar caso haja alunos surdos, com isso percebe-se que a Libras não é uma língua completa, e por isso não há quase profissionais surdos formados nessas áreas.

Ao fazer o Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia – UNEB em meu primeiro semestre tive como componente curricular, Ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais), porém nesta aula a própria professora foi bem clara ao dizer que “não gostava de ensinar a prática” meu conhecimento na área da língua foi adquirido, por vídeos assistidos inúmeras vezes em canais no *Youtube* assim como realização de um curso básico no ano de 2014 pelo PRONATEC<sup>1</sup> o mesmo ano em que adentrei na Universidade, um curso de 2 meses com a carga horária de 160h o que foi o suficiente para me dar pelo menos o básico da prática da Libras.

Quando houve o I Congresso Internacional e IV Seminário Bilíngue Para Surdos na UNEB um dos pré-requisitos para ser Monitor Voluntário era ter eliminado na sua grade a disciplina de Libras, a professora da disciplina fora a mesma responsável do Congresso, já que neste período ela era a única profissional da instituição com este conhecimento.

Então os alunos selecionados, além de participar das reuniões tiveram que ter um momento de reuniões práticas, para pelo menos aprender alguns sinais, e saber digitar em datilologia os números e as letras, mas que se isso fosse ensinado desde o início nas aulas da disciplina, com certeza facilitaria muita coisa e pouparia tempo, esses alunos com o tempo que ficou aprendendo a datilologia em algumas reuniões, estariam sendo preparados com outros sinais, e com isso, percebe-se então sobre a questão dos profissionais ouvintes da área contribuir para está segregação deste conhecimento.

Houve então aulas práticas ao qual nos foi ensinado os números e as letras e como digitar as palavras em datilologia, ou seja, o uso das mãos para a comunicação de sinais assim como aprender alguns sinais que são utilizados por eles para comunicação, sinais que são atribuídas as palavras do cotidiano. A vivência com a cultura surda foi fundamental para facilitar um melhor aproveitamento do que estava sendo ensinado, e é claro, essa vivência foi crucial, pois assim como qualquer língua que seja ela francesa, japonesa, espanhola ou inglesa, ou qualquer outro tipo de língua, se não houver a prática, a conversação e a vivencia, de nada valerá os esforços, lembrando que, apesar da língua de sinais não haver som, não deixa de ser língua, o código que utilizamos para representar a letra “A” e que emite um determinado som, também é utilizado para representação na Libras só não a presença do som mas sim movimentos das mãos, mas que também não os impedem de serem sujeitos oralizados, o código permanece e sua representação é feita com as mãos, e foi desta forma que fora ensinado aos Monitores do evento.

No ensino da Libras números e letras se faz necessários, assim como as expressões faciais de uma simples conversa, pois quando se sabe os sinais de comunicação e não se tem expressões, a

---

<sup>1</sup> Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

comunicação não ocorrerá, essas comunicações se darão pelas expressões faciais e pelas posições de mãos e dedos, que será como se fosse um novo código atribuído às palavras mais com o uso das mãos em um ponto que as mãos fazem chamado de ponto de articulação. Mas independente disso a Libras não deixa de ser uma língua oficial. Ressalto que ela não é a língua oficial dos ouvintes, mas ela se constitui como língua para os surdos.

Foi essa uma das metodologias utilizadas pela docente responsável pelo Congresso Internacional e IV Seminário Bilíngue Para Surdos na UNEB Campus I, os monitores voluntários que fizeram parte da organização do evento, foram instruídos para conversar pelo menos o básico com os surdos, e em casos mais graves de difícil entendimento era recebido o apoio do intérprete de língua de sinais.

Usando como ponto de partida a posição da Professora e dos monitores do Congresso Internacional Bilíngue uma das coisas que poderá ser feita para romper essa segregação e divisão entre as duas comunidades, e preparar os alunos ouvintes com o conhecimento da língua de sinais, assim como preparar os profissionais das diversas áreas também com este conhecimento, essa preparação se dará no momento da sua formação nas devidas instituições, assim como preparar estes profissionais para saber lidar com a situação quando o mesmo se deparar com pessoas surdas em ambientes profissionais ou não, como foi um caso de uma clínica ao qual fui fazer um exame, e me deparei com uma situação de uma médica que estava atendendo um casal surdo, mas que não sabia o básico da Libras não soube lidar com aquela situação ao qual logo em seguida em me ofereci para ajudá-la.

Desta forma se contribuirá para romper o difícil acesso que há nas duas comunidades, afinal toda comunicação se dá através de uma língua, e a língua brasileira de sinais não se constituiu de forma independente, ela se constituiu a partir da língua brasileira falada, então não há motivos para uma separação destas comunidades.

## **CONCLUSÃO**

A língua está presente no cotidiano do ser humano sendo com essa língua que se estabelece a comunicação, não importa de que forma essa língua seja utilizada, se por gestos, expressões ou até mesmo escrita, desde que se estabeleça códigos de comunicação ela já se é intitulada como língua, fica bem clara que a língua oral/falada é diferente da língua de expressão e sinais a Libras, mas ambas não deixam de fazer parte do português brasileiro, e também assim como em cada país as pronúncias e as falas são diferentes, na língua de sinais é diferente, cada país possui uma expressão um gesto, sinais e articulações diferentes para a língua dos surdos, e são consideradas como segunda língua oficial dos mesmos.

O que não poderá haver é a segregação das duas línguas, pois nenhuma se constitui como independente, as línguas por mais diferentes que elas sejam em algum momento para existir elas precisaram passar por uma relação com outros povos. Então à uma conexão da Libras com o português brasileiro oral, desta forma não há porque haver separação das duas culturas, uma vez que para se constituir uma houve a dependência da outra e desde quando as duas fazem parte de um mesmo sistema, o que há é a falta da verdadeira inclusão, socialização e o diálogo das duas partes

entre si, para que desta forma não haja segregação, cooperando para uma inclusão não só vindo das instituições de ensino quando também da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS.

LODI, Ana Cláudia B. e LACERDA, Cristina B. F. de, **Uma Escola, Duas Línguas, Letramento em Língua Portuguesa e Língua de Sinais Nas Etapas Iniciais de Escolarização**, Porto Alegre, 14ª Edição, 2014.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais – **LIBRAS (Série Atualidades Pedagógicas)**. In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

DIDEROT, Denis. **Carta Sobre os Surdos-Mudos Para Uso dos que Ouvem e Falam**, São Paulo, Nova Alexandria, (Publicado originalmente em francês em 1751), 1993.

FERNANDES, Eulália, **Linguagem e Surdez**, 1ª Edição, Porto Alegre, ArtMed, 2003.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: Questões Delicadas na Interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

GURGEL, T. M. A, **O Papel do Instrutor Surdo na Promoção da Vivência da Língua de Sinais Por Crianças, Surdas**, Piracicaba, 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos, **Pedagogia e Pedagogos Para Quê?** Editora Cortez, 12ª Edição, São Paulo, 2010.

FELIPE, Tânia A. **Introdução à Gramática da LIBRAS (Série Atualidades Pedagógicas)**. In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.